

Abertura

Daisy Viola **pág. 2**
Prêmio Joaquim Felizardo **pág. 3**
Colagem - Livro **pág. 3**

Sobre o Atelier Livre - a pesquisa em curso

Ana Luz Pettini **pág. 4-5**

O museu e a arte contemporânea

Almandrade **pág. 6-7**

A Arte Pública de Roberto Burle Marx

César Floriano **pág. 8-9**

Pro Tempore: uma ideia contemporânea de museu de arte em exposição

Bianca Knaak **pág. 10-12**

Bordas

Carlos Krauz **pág. 13-15**

as partes

Sumário

n.º 6

jul./2012

Atelier Livre: uma pesquisa, um resgate, uma história

Giana Kummer **pág. 16-17**

Trabalho Especial**pág. 18-19 [Central]**

OBJETOTECA - Gabinete de Inventário de objetos
por Helene Sacco

Em estado de reação com Desenhos Simples - um comentário sobre a exposição Desenhos de Carlos Pasquetti

Marion Velasco Rolim **pág. 20-22**

Memória de um artista e um monumento funerário esquecido: o jazigo de Pedro Weingärtner no Cemitério São José I em Porto Alegre

Luiza Carvalho **pág. 23-25**

Construções de Inventários de objetos

Helene Sacco **pág. 26-29**

Experiências no Atelier Livre

Cláudia Sperb **pág. 30-31**

Crônica sobre Arte e Natureza em Huesca

José Francisco Alves **pág. 32-35**

Sobre o festival de Arte 2012 @ Cursos Extras segundo semestre 2012

pág. 36

Crônicas sobre Arte e Natureza em Huesca

José Francisco Alves



Centro de Arte y Naturaleza/CDAN, inaugurado em 2006, projeto de Rafael Moneo.

Para os poucos que leram o texto *No Limite*, em *As Partes* n.º 4 (out. 2010, p.20-23), esses puderam constatar as curiosas dificuldades em que se viram envolvidos integrantes da coletividade do Atelier Livre, eu e meus colaboradores de “expedição”, Rogério e Sílvia Livi, os quais, em cinco dias de rigoroso inverno daquele ano colocaram-se entre os poucos seres humanos que procuraram e encontraram as obras do projeto *Fronteiras*, localizadas no Rio Grande do Sul.¹

Essa pesquisa de campo serviria de base para um tópico de minha tese de doutoramento, então em curso, a qual previa a comparação entre o *Fronteiras* e um projeto similar, levado a cabo quase *pari passu*: a

coleção *land art* do CDAN (Centro de Arte y Naturaleza, Huesca, Espanha). Porém, para a tese essa comparação acabou não sendo incluída, até porque foi nulo o apoio ao projeto de pesquisa, por parte do PPG-AVI-UFRGS e instituições de pesquisa. Mas como a pesquisa para mim e muitos de meus contemporâneos não é somente a obtenção de canudo acadêmico, eu e meus amigos-apoiadores – Rogério e Sílvia – nos aventuramos nas planícies e montanhas da longínqua Diputación Provincial de Huesca, Norte-Nordeste da Espanha. E assim, mais uma vez, nos colocamos em um seletto grupo: os que conheceram *in loco* todas as obras *land art* do CDAN.

O CDAN é uma notável instituição, sediada em Huesca (52.500 hab.), capital da Diputación homônima (de apenas 228 mil hab.), uma das três unidades administrativas da Comunidade Autónoma de Aragão, cuja capital é Saragoça. A Arte Pública e o histórico do projeto Arte y Naturaleza foi tema de – privilegiado – curso no Atelier Livre, durante o Festival de Arte Cidade de Porto Alegre (2007), ministrado pelo célebre autor e catedrático espanhol Javier Maderuelo, nada menos que o mais destacado mentor do CDAN.

O CDAN foi fruto de um processo de evolução do interesse daquele governo regional, a partir de princípios dos anos 90, em estimular uma arte que trabalhasse as relações entre arte e história, arte e lugar, arte e território/natureza, por meio do comissionamento de obras de arte permanentes e pela realização de simpósios, coleção de livros, exposições, projetos e similares, que acabaram resultando na criação, em 1999, da Fundação Beulas, a qual leva o nome do pintor José Beulas (1921). Essa fundação foi estabelecida para manter a nova instituição, o CDAN, cujo edifício foi inaugurado em 2006 e trata-se de um significativo museu de arte contemporânea, projetado pelo prestigiado arquiteto Rafael Moneo (1937).² O CDAN possui coleções abrigadas no próprio museu, como a coleção Beulas-Sarrate, e também incorpora as obras do projeto Arte y Naturaleza, que foram sendo comissionadas desde 1994, o objeto desse ensaio: as obras *land art* de Richard Long, Siah Armajani, Fernando Casás, Ulrich Rückriem, David Nash e Alberto Carneiro, situadas em vários e distantes pontos da Diputación de Huesca.

Assim, na Espanha, para cumprir a meta, antes de nos dirigirmos à Huesca, foi de bom grado revermos nosso amigo Javier Maderuelo, no seu estúdio em Madri (8 de outubro), para passarmos com ele as orientações finais sobre a coleção *land art*/CDAN. Com as coordenadas e dicas mais importantes devidamente anotadas, em 12 de outubro partimos de nossa “base” de operações espanhola, Barcelona, em direção à Huesca, em trem-bala até Saragoça. De lá, até o destino final, somente de trem comum.

A recepção no CDAN envolveu-se de atencioso encontro com a dedicada equipe do museu, liderada pela diretora Teresa Luesma, que desde a fundação da instituição a conduziu a níveis de excelência internacional. Inesquecível ainda foi o afetuoso e longo encontro que tivemos com José Beulas. Após a reunião no museu, ele nos levou até a sua residência-ateliê para mostrar a infraestrutura do local e nos contar de seus planos generosos, como deixar o complexo – “quando passar desta” – para um programa de residência artística, entre outras ideias. Realmente uma atitude muito nobre do nosso anfitrião; quem dera o seu exemplo fosse seguido por artistas brasileiros que têm as mesmas condições que ele, em propiciar tal legado, desinteressado e desapagado das coisas materiais e imediatas.

Para a busca às obras que ocorreria nos dias seguintes, a partir do QG no Hotel San Marcos, em Huesca, pegamos todos os mapas e informações complementares junto ao CDAN, além de adquirir na loja do museu produtos, catálogos e livros. Mais que isso, Rogério Livi não se deu por satisfeito e adquiriu um múltiplo de David Nash... A cada dia ocorreria o encontro com um ou mais dos trabalhos da coleção *land art*.

Em 13 de outubro, o primeiro destino foi conhecer o gigantesco conjunto granítico do alemão Ulrich Rückriem (1938), intitulado *Século XX*, instalado nas cercanias da localidade de Abiego (280 hab.), a 38 quilômetros rodoviários de Huesca.³ Com sinalização da obra um pouco confusa para quem chega a Abiego pelo sul, encontrar o trabalho não foi tão fácil assim; ademais, para quem perguntar? Há realmente poucas pessoas na região. O trabalho de Rückriem é a segunda obra⁴ comissionada pelo projeto Arte y Naturaleza. Foi inaugurada em 1995 e compõe-se de vinte estelas que remetem imediatamente a uma analogia com Stonehenge, não somente em seu sentido material (lítico) e sua disposição espacial, mas em seu conteúdo mítico, místico e misterioso. Praticamente anônima (embora identificada com placa informativa bem completa), aparte de um pequeníssimo povoado, a obra não tem um acesso fácil, óbvio, pois não se encontra junto aos traçados turísticos da região. Por outro lado, essa característica remete ao sentido dos percursos dos caminhantes, que buscam por algo espiritual ou surpreendente (o Caminho de Santiago também passa na Diputación de Huesca, mais a oeste, pela região da cidade de Jaca). Assim, a situação criada com a obra, que se encontra “órfã”, distante das “instituições legitimadoras”, constituiu uma surpresa avistada de longe por quem chega das cercanias e descobre em sua solenidade o despertar de seu silêncio, sobressaltado com a sua presença.⁵



Ulrich Rückriem. Século XX, 1995. 20 estelas de granito rosa, 4 x 1 x 1 m (cada). Abiego, Huesca, Espanha.

O dia 14 de outubro foi reservado para uma abordagem pelo vetor noroeste da Diputaci-
 ón, com vistas a localizar duas obras. Pela manhã, seguimos diretamente à Berdún (262 hab., 80
 km de Huesca), onde se encontra a obra do inglês David Nash (1945), *Three Sun Vessels for Huesca*
 (algo como *Três Vessels⁶ de Sol para Huesca*). Antes de chegar ao local, passamos pelo povoado
 Puente la Reina de Jaca (290 hab.), com direito a dar uns passos pelo Caminho de Santiago. A
 obra de Nash tem fácil localização, junto à ermida de Santa Lucia, cerca de meio quilômetro
 antes de Berdún. Foi concluída em 2005 e constitui-se de três troncos de carvalho, esculpidos e
 chamuscados em fogo (maçarico), dispostos em composição, como uma espécie de relógio de sol,
 em cujo centro, no solo, encontra-se uma rosa-dos-ventos fundida em bronze. O curador do pro-
 jeto da obra,⁷ Fernando Castro Flórez, considera que esse trabalho possa ser “interpretado mais
 como um observatório do que um relógio de sol, um gnomon que permite observar solstícios, as
 mudanças dos equinócios e, sobretudo, determinar o lugar”⁸ (grifo nosso).



David Nash. *Três Vessels de Sol para Huesca*, 2005. Três troncos de carvalho, com
 430 x 90 cm (cada), e uma rosa-dos-ventos em bronze. Berdún, Huesca, Espanha.

A segunda obra de arte a ser visitada nesse dia resultou em percorrer um arco rodoviá-
 rio bem longo, para, no caminho de volta à Huesca, encontrarmos a obra do português Alberto
 Carneiro (1937), em Belsué (a qual, no final das contas, dista somente a 23 km ao norte de Huesca).
 Mas encontrar a obra de Carneiro foi uma proeza e tanto, por falta de sinalização e pela
 dificuldade em se chegar ao lugar, pois voltávamos de Berdún rumo ao sul, via Sabiñánigo, pela
 moderna rodovia N-330. Após a saída da autoestrada, demos imensa volta, quase às cegas, para,
 finalmente, na base do instinto, encontrar as mínimas e tortuosas vias para Belsué. Eis que esse
 bucólico e maravilhoso local, de apenas 6 habitantes, tem o seu lugar registrado na história
 da Espanha, cujo povoado remonta desde, pelo menos, o ano de 1276. Passamos por Belsué e
 seguimos, seguimos... e nada de arte do CDAN... Perdidos, voltamos. Ávidos por informações,
 subimos até o cume onde ficam as casas do lugarejo, todas de pedra, e onde também se encontra
 a Iglesia de San Martín.⁹ Para nosso espanto, todas as casas abertas, ninguém por perto, nada
 de gente, e os cães que vieram ao nosso encontro, nem sequer latiram... E já não era mais a hora
 de la siesta! Voltamos e decidimos arriscar, ir mais além na estrada. E um pouco mais adiante
 do local que antes havíamos desistido vislumbramos a imensa e emocionante estrutura de *As
 árvores florescem em Huesca*, de Alberto Carneiro.

O trabalho foi concluído em 2006, às margens de um riacho de nível intermitente, em
 área do Parque Natural de la Sierra y los Cañones de Guara, local escolhido pelo artista para “er-
 guer ali o centro de seu cosmos, para construir sua mandala pessoal, unindo o estético e o con-
 ceitual às ideias de ritual e natureza”, em forma de “arquitetura poética”.¹⁰ Constitui-se a obra
 de uma estrutura cúbica conformada por quatro paredes de granito. Na junção das paredes há
 frestas pelas quais as pessoas adentram ao recinto interno e, principalmente, passam os raios
 do sol, cuja direção é pensada em especial para o amanhecer dos equinócios, de modo a iluminar
 diretamente uma estrutura central. Esta se constitui numa construção vertical vazada, feita de
 três estruturas de blocos de mármore negro, unidas na extremidade de modo a servirem como
 um receptáculo que sustenta em suas entranhas a “joia” do complexo, uma árvore de bronze.
 Essa peça é resultado da fundição – e união – de três árvores mortas que pertenciam ao jardim
 do artista. No centro das faces externas das paredes consta uma placa de mármore negro, com
 a palavra arte entalhada. Em cada face interna, também no centro, uma placa similar, cada



Alberto Carneiro. *As árvores florescem em Huesca*, 2006. Granito, mármore negro e bronze, 5 x 7 x 7 m. Belsué, Huesca, Espanha.

uma com o nome – em português – de uma das quatro estações. Encrustadas no solo, placas de granito junto às bases internas das paredes trazem esculpido um texto poético do próprio Alberto Carneiro.¹¹

A 15 de outubro, cedo tomamos o rumo norte, via Barbastro, para chegar ao início da cordilheira dos Pirineus, no distante Vale de Pineta, junto a Bielsa (495 hab., 142 Km de Huesca, via Barbastro). Pela rodovia A-138, uns 5 km antes de se chegar à França, passamos por dentro de Bielsa e tomamos pelo Vale uma via vicinal, no caminho do Parador Nacional Monte Perdido. O objetivo, após 4,5 km de estrada, a obra *Mesa de Pic-nic para Huesca* (2000), do iraniano Siah Armajani (1939). Localizada no Sendero acessível de Cornato, uma parada com infraestrutura turística junto ao Rio Cinca, a escultura de madeira assemelha-se a uma cabana de montanha e vem ao encontro do espírito do lugar, uma vez que também se configura como um equipamento urbano para que os caminhantes usufruam. Ali eles podem se sentar, fazer lanches ou apenas descansar. Entre as colunas centrais da estrutura há poemas de Lorca emoldurados como livros, os quais, na inauguração da obra, foram declamados por estudantes locais.

Para visitar a segunda obra do dia, voltamos pela A-138 e logo convergimos à direita em direção a localidade de Plan (327 hab.). Para chegar lá, percorremos um caminho deslumbrante, por uma estrada encravada na encosta de uma sucessão de montanhas, a qual cruza um sem fim número de túneis, perfurados na rocha, costeando o penhasco em cujo vale está o Rio Cinqueta-Ibon. Ao final desse trajeto, chega-se a um pequeno planalto onde está Plan, próximo ao Parque Natural Posets-Maladeta. No que seria o parque do lugar (Cabañera de la montaña), encontra-se a obra do dinamarquês Per Kirkeby (1938) intitulada *Plan*. A escultura é uma construção realizada com tijolos e cimento, uma espécie de edifício sem função que propõe uma “experiência consciente de um espaço delimitado que gera uma percepção introspectiva da arquitetura”.¹²



Per Kirkeby. *Plan*, 2009. Tijolos, 467 x 623 x 623 cm. Plan, Huesca.

Dali seguimos em retorno à Huesca, em direção ao sul, pela mesma A-138, para se chegar à Piracés (a 151 km desde de Plan). No caminho, após Barbastro, percebemos que o trajeto mais apropriado no mapa nem sempre é o esperado. Ao cruzarmos uma planície, o “atalho” escolhido de 55 km mostrou-se dificultoso, cansativo, num zigue-zague de estradas estreitas, de qualidades diversas, entre um lugarejo minúsculo e outro. Porém, a paisagem no percurso e o que encontramos no destino compensou todo o esforço para vermos a última das obras *land art*. *O local de Árvores como arqueologia* (2003), do espanhol Fernando Casás (1946), fica um pouco antes de Piracés (103 hab., 19 Km ao sul de Huesca), na única via para essa

localidade, no promontório da ermida de la Corona. Mas uma vez, um deserto humano, sem viva alma, num fim-de-tarde deslumbrante que fez valorizar ainda mais a experiência de contemplar a paisagem e a escultura. O trabalho consiste num conjunto de seis monólitos de granito que cercam duas oliveiras centenárias que insistem em sobreviver naquele local árido. O artista escolheu esse local justamente devido ao deserto de Monegros, onde “a natureza perdeu a memória de seu bosque”.¹³ O retorno de Piracés foi rápido, pois na direção de volta logo se encontra uma autopista moderna, rumo à entrada sul/oeste de Huesca. Estava cumprida a missão.

As obras do CDAN são uma comprovação de amor à arte e capacidade de realização por parte de uma comunidade e profissionais dedicados. Trata-se de um projeto de excelência em arte pública, de escala realmente geográfica, que exige dos interessados em vê-las uma incursão inesquecível em paisagens das mais diversas características, como bosques, semideserto, montanhas, vales, etc. Por outro lado, a comparação entre os trabalhos do projeto *Fronteras* e do CDAN atestam também a capacidade brasileira de realização, numa escala geográfica de pro-



Siah Armajani. *Mesa para pic-nic*, 2000. Construção em madeira (iroko), 3,5 x 7 x 7 m (49 m²). Bielsa, Huesca.

os apelos para fazer a decisão ser revertida não foram suficientes. Conforme Javier Maderuelo, essa decisão foi “um ato de censura. Para os políticos recém chegados parece que a paisagem e suas manifestações culturais são arte degenerada”,¹⁶ praticamente fazendo desaparecer o trabalho iniciado em 1994. Como vemos, promover a arte contemporânea não é algo realmente fácil, ainda mais com projetos de notável complexidade de realização, como no caso dessas obras *land art* no Rio Grande do Sul e na Espanha.



Fernando Casás. *Árvores como arqueologia*, 2003, 8 monólitos de granito (507 x 115 cm, cada). Piracés, Huesca, Espanha.

Notas

- 1 Projeto *Fronteiras*, Itaú Cultural, 1999-2000. No Rio Grande do Sul, a instituição paulista comissionou obras *land art*, em cinco municípios, de autoria de Nuno Ramos, Ângelo Venosa, Arthur Barrio e Néilson Félix.
- 2 Rafael Moneo, ganhador do Pritzker Architecture Prize (1996) e de prêmio Príncipe de Astúrias de las Artes (2012), entre outros. http://www.e-architect.co.uk/architects/rafael_moneo.htm
- 3 Vamos usar aqui a distância por via rodoviária, e não a distância simples geográfica, em linha reta.
- 4 A primeira obra do projeto Arte y Naturaleza foi *Um círculo em Huesca*, de Richard Long (1945), realizada em 1994, próxima ao Pico de la Maladeta (Parque natural Posets-Maladeta), a 16 quilômetros ao norte de Bernasque (2.230 hab., 150 km de Huesca), nos Pirineus, fronteira com a França. Dos resquícios do círculo feito por Long, pouco resta; conforme Javier Maderuelo nos aconselhou, “não teria sentido a sua ida ao local”, pois nada haveria para ver. A obra de arte que permanece, como as muitas realizadas pelo artista em sua relação com a *land art*, é a fotografia da intervenção (o círculo de pedras), uma vez que o importante é o processo da longa jornada à pé, desde Huesca, passando por Maladeta e sendo concluída no outro lado da fronteira, na França.
- 5 José Lebrero. *Ulrich Rückriem. Pirineus*, Huesca. Cantz Verlag, Ostfildern-Ruit, 1999, p. 34.
- 6 *Vessel*, no caso dessa obra, algo como um vaso ou pote, um recipiente para se guardar coisas.
- 7 Cada comissionamento do projeto Arte y Naturaleza teve um curador específico: Long (Gloria Moure), Rückriem (Alicia Chillida), Armajani (María Dolores Ji-

ménez Blanco), Casás (Javier Maderuelo), Carneiro (J. Maderuelo), Kirkeby (Marga Paz).

8 Em David Nash, *Vessels*. Diputación de Huesca, 2005, p. 39.

9 Tombada pelo governo aragonês em 2001, na época de nossa passagem por Belsué essa igreja encontrava-se em processo de restauro, com verbas de fundos europeus.

10 In verbete da obra de Alberto Carneiro, folheto informativo/mapa do CDAN para divulgação da coleção de obras *land art*. s/d [2010?].

11 Eu, a Mãe Terra, alimento esta árvore com o húmus de meu ventre. / Esta árvore cresce desde dentro de mim e floresce. / Os frutos desta árvore amadurecem e me descobrem a vida. / Transformada em substância sou a essência de ser desta árvore. [texto esculpido em caixa alta].

12 In verbete da obra de Kirkeby, folheto informativo/mapa do CDAN, idem nota 10.

13 In verbete da obra de Casás, folheto informativo/mapa do CDAN, idem.

14 Para vermos as obras do projeto *Fronteiras* no Rio Grande do Sul percorremos 2.306 km em 5 dias. Em Huesca, cerca de 650 km em 3 dias.

15 Asociación de Directores de Arte Contemporáneo de España (ADACE), Consejo de Críticos y Comisarios de Artes Visuales de España, Consorcio de Galerías de Arte Contemporáneo, Unión de Asociaciones de Artistas Visuales e Federación de Agentes Artísticos Independientes, entre outras.

16 Conforme correio eletrônico de 2 mar. 2012, enviado a vários colaboradores e conhecedores do projeto Arte e Natureza.

José Francisco Alves

Doutor em História, Teoria e Crítica de Arte, professor do Atelier Livre e Curador-Chefe do Museu de Arte do Rio Grande do Sul. www.public.art.br - jfa.arte@gmail.com